

Stadium

N.º 41 ✦ 15 DE SETEMBRO DE 1943



FERNANDO LOURENÇO
DO SPORTING

o atleta português que durante a época
alcançou os resultados de maior valor
internacional

(Foto Nunes d'Almeida)

O velho ARTUR



A morte de Artur José Pereira enlutou o desporto nacional — não pelo que presentemente era, reliquia de um passado que é ainda recente, mas pelo que ele foi no «seu» tempo, nos tempos de certo modo distantes do ressurgimento do futebol, após o colapso que se seguiu às primeiras manifestações do popular desporto, entre nós, há pouco mais de cinqüenta anos. O seu nome, resumido, nas últimas temporadas, à designação afectuosa e respeitosa do Velho Artur, evocava e evoca, nesta hora de pesar, uma época que vive saudosamente em quem vai já envelhecendo a recordar o futebol.

O Artur, que, nos últimos anos, apenas aparecia episódicamente, de quando em quando, pelos campos de futebol, em dias de desafio, evocava, onde quere que surgisse — uma carreira brilhante de artista da bola. No «seu» tempo, sobretudo na plenitude da sua forma, enchia, ele só, um campo — todo o campo. Depois de abandonar as funções de treinador do Belenenses, que ajudou a fundar e a que deu, no princípio, a excelente colaboração de um valor que era grande mesmo no período do declínio, o Artur, o velho Artur que morreu bastante novo, não encheria o campo com as suas exhibições — mas enchia de saudade a memória de muita gente.

Cândido de Oliveira, outro antigo jogador de primeiro plano, jornalista de fina tempera, chamou, um dia, a Artur José Pereira, o maior jogador português de todos os tempos. A legenda ficou — para a história. É com este glorioso epíteto que temos de resumir tudo quanto ele foi, o Artur, no transcurso largo de cerca de 20 anos de actividade como jogador, sempre em nível superior.

Artur José Pereira foi um exemplo curioso de intuição pelo popular desporto — em técnica, em entusiasmo, em espírito de luta. Revelou-se logo no começo. Foi do melhor da sua época nos primeiros tempos do Sport Lisboa, depois transformado em Sport Lisboa e Benfica. Foi talvez maior ainda, na fase de transição, quando passou para o Sporting Clube de Portugal, deixando de ser o homem de jogo pessoal e dos arrancos desconcertantes, do Sport Lisboa, para ser um médio centro científico, com a noção exacta do «association» — e do valor do passe a tempo e horas... E foi grande quando os recursos, com o correr da idade, começaram a falhar. Foi todavia leal em toda a sua carreira, mesmo quando se excedia involuntariamente.

A morte de Artur José Pereira enlutou por isso o desporto nacional. Desapareceu, com ele, uma das brilhantes e populares figuras do futebol lusitano — que foi, mais tarde, mestre competente e entusiasta de várias gerações de jogadores...

Prestemos dêste modo homenagem à sua memória. Que descanse em paz o Velho Artur que não chegou a ser velho, vencido por uma doença que o afastou, a pouco e pouco, dos amigos da bola, que ele animou com o seu valor de artista extraordinário — e com a sua alegria voluntariosa de atleta popular.

MARIO DE OLIVEIRA

NOTAS & COMENTÁRIOS

DISPUTOU-SE, num dos últimos domingos, em Coimbra, na piscina fluvial, o primeiro Pôrto-Coimbra de natção, no corrente ano. A vitória pendeu para a representação da Lusa-Atenas, com um triunfo em cada prova disputada. Confirmou-se assim, a posição relativa revelada no decurso dos campeonatos nacionais, em Espinho.

Coimbra mantém a classificação de segundo núcleo nacional de natção. E o Pôrto confirmou encontrar-se numa fase de transição com gene nova susceptível de maior valor no futuro. Um dos seus nadadores, Rogério Silva, bateu o recorde regional português dos 200 metros de bruços, com 3 m. 18 s. 4/5.

O Pôrto-Coimbra em natção, a que nos referimos acima, teve como elemento de atracção a luta entre dois nadadores coimbricenses — Adelino Lebre, da Associação Académica, antigo campeão regional, e Luis Lopes-da-Conceição, do Santa Clara.

Nos 100 metros livres, tirou Adelino Lebre excelente desfriso, ganhando a prova em 1 m. 8 s. 4/5. Nos 200 metros, foi ainda o primeiro aos 100 metros, mas não resistiu ao ataque de Luis da Conceição no resto do percurso. Adelino Lebre tem excelentes recursos para provas de velocidade. Mas parece ter pouco entusiasmo — pelos treinos. De aí a baixa de forma, várias vezes.

PODE ser considerada de notável a expansão do Atlético Clube de Portugal em vários desportos. Clube com acção limitada a um bairro de cidadão, procura, por outro lado, tratá-la, ou ampliá-la, com maior número de sócios. A sua meta milha, em natção disputada na doca de Alcântara, onde se realizaram por vezes provas e campeonatos, teve uma concorrência digna de registo — 31 nadadores e 4 nadadoras. O Atlético é, pois, um clube em plena evolução.

AS facilidades de iniciativa não são exclusivas dos grandes clubes, e dependem muitas vezes de circunstâncias variadíssimas. Surpreendemo-nos, por isso, a notícia de que o Olivais Futebol Clube, de Coimbra, vai construir uma piscina. Em contrapartida, não nos custa acritar a notícia como fundamental.

Uma piscina da Coimbra nos Olivais não seria a solução ideal para aquela cidade. Mas não deixaria de ser esplêndida — como realiação. E havia de ser útil — para todos os clubes coimbricenses.

ENTRE os clubes de larga iniciativa, dentro da relativa modestia das suas instalações e aspirações, merece destaque o Vasco da Gama, no Pôrto, especialmente dedicado ao «basket» e antigo campeão dessa modalidade.

O Vasco da Gama realiza, dentro de poucos dias, uma larga digressão pelo país, com passagem por Ovar, Aveiro, Sanjathos, Coimbra,

Leiria, Santarém, Évora, Elvas, Algarve, Barreiro, Torres Vedras e Lisboa. E irá em preparação uma iniciativa de mais relevância — a construção de um campo para «baskets».

Perdeu o campeonato nacional mas não descura a sua expansão. O trabalho é uma grande virtude. E o entusiasmo opera por vezes prodígios.

MANTÉM-SE o esforço de propaganda da vela. Neste verão quis a findar, tem sido o desporto mais beneficiado. As provas sucedem-se, semana a semana. Há animação. E é numerosa a lista dos campeões.

A vela é um desporto — em ressurgimento. Realiza-se dêste modo a tradição de Portugal, como país de navegadores.

AS notícias que correm sobre futebol começam a despertar interesse — pelo que se passa em Lisboa e no resto do país.

De Coimbra vem a notícia de que Vasco e Armando, dois valores dentro da Associação Académica daquela cidade, ingressaram no quadro dos estudantes universitários, nos preparatórios de medicina. E consta, relativamente ao Pôrto, que Lippo Heretz está dispensando grande interesse a sua escola de novos jogadores.

A prática do desporto não é incompatível com o bom aproveitamento escolar. E a escola de jogadores pode o contribuir eficazmente para a renovação de valores — no antigo e florescente clube português, com boa repercussão nos outros clubes locais.

A morte de Artur José Pereira, grande figura de jogador de futebol, causou profundo pesar em toda a parte onde o popular desporto é seguido com entusiasmo — e o seu funeral constituiu um verdadeiro manifesto de simpatia pelo antigo atleta, há muitos anos retirado dos campos desportivos.

O público afecto a desportos soube cumprir o seu dever — prestando homenagem à memória do falecido.

O campeonato espanhol de futebol começou uma semana antes dos nossos torneios districtais. Parece que em Espanha havia mais ansiedade. É assim, em toda a parte: o futebol pode chegar a dar a impressão de que é de mais, para dar logo a impressão de que não podemos prescindir da sua emotividade.

SANTOS Rodriguez, que tem dado ao desporto, em várias modalidades, uma colaboração preciosíssima em largos anos de actividade como cronometrista, encontra-se de luto, por morte de sua esposa.

A José dos Santos Rodriguez um abraço de sentido pesar.

AS novidades que a nova época de futebol há-de trazer são aparecendo a pouco e pouco, à medida que as jornadas se sucedam — conforme as linhas que forem aparecendo.

É natural que as novidades não correspondam à expectativa... Em futebol, é quase tudo velho.

CANDIDO DE OLIVEIRA começou a publicar um curioso trabalho de biografia de Artur José Pereira, que o conhecido jornalista classificou como o maior jogador de todos os tempos. Destinava-se a constituir receita para a festa realizada, há anos, a favor de Artur José Pereira, quando a doença o afastou do lugar de treinador do Belenenses.

Foi pena que não se editasse na altura própria — e é pena que não tivesse ficado completo. A «garra» de Artur José Pereira como grande artista do futebol, justifica a publicação. Seria um livro de história que ficaria como exemplo — para o futuro.

ANO XI — Lisboa, 15 de Setembro de 1943 — II SÉRIE. N.º 41

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOSPropriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:

T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.

Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Depois dos Nacionais — falam os números

Comentários por SALAZAR CARREIRA

Hábito, já antigo em Portugal, dar por encerrada a época de atletismo logo a seguir à disputa dos campeonatos nacionais; bons tempos aqueles remotos anos em que os concursos organizados no Pórtio pelo Nun' Alvares e pelo Académico, na Figueira da Foz pelo Sporting local, asseguravam um suplemento de interesse e ajudavam a compensar os atletas do duro pensar do treino anual, proporcionando-lhes mais uma ocasião para competir e alcançar, em vitórias ou marcas, a justa compensação ambicionada.

Este ano nada indica que a regra seja alterada: o Sporting propõe-se manter activa a sua pista, provavelmente só com os elementos da equipa por falta de colaboração alheia, mas nenhum rumor corre que anuncie torneios ou competições de convergadura.

Podemos, portanto, analisar o conjunto dos acontecimentos da temporada, porque o que possa ainda vir pouco lhe alterar, provavelmente, o aspecto geral.

Os nacionais, lustroso fecho do trabalho de um ano, foram desvirtuados na sua significação pelo voluntário alheamento do Sport Lisboa e Benfica; os campeonatos fizeram-se na mesma, e o seu valor é idêntico; daqui a dez anos apenas perdurará a lista dos vencedores e os seus resultados. Tudo o mais estará esquecido.

Lembra-nos que, em 1927, o Sporting teve uma birra, por causa da organização directa pela Federação dos campeonatos regionais de juniores que, nos anos precedentes, haviam sido integrados no concurso de sua iniciativa para disputa da taça «António Stroma». Amouu com a separação e não inscreveu os seus atletas, dando em resultado a vitória completa da filange benfiquista.

Oito dias depois, com programa idêntico, os juniores sportinistas bateram os rivais para a conquista da Taça. Mas isto é hoje factor ignorado: o que perdura, e com razão, são nomes dos campeões do ano na lista oficial.

Encontrámos até, rebuscando elementos para a referência, um comentário precioso e justíssimo em «Os Sports» de 1 de Junho de 1927, assinado pelo seu redactor da especialidade, que já era o actual. Transcrevo, na sua sensata simplicidade: «Seja qual for a causa da ausência do Sporting, o facto só é para lamentar. Todos perdem com isso: a propaganda do atletismo, o clube e os próprios atletas».

Sou absolutamente ainda da mesma opinião.

O que dizem os números

A época de 1943, apreciados pelos relatos e críticas a que tem dado origem, deixa sentimento confuso pela discordância de opiniões, exageradamente encomiásticas umas, reservadas outras, francamente pessimistas ainda outras.

Embora não prescindamos do nosso critério pessoal sobre os acontecimentos, pareceu-nos preferível apresentar em primeiro lugar o simples enumerado de dados concretos, daqueles que se não prestam a interpretação diversa da realidade, para deixar aos leitores de «Stadium» a possibilidade de conclusão pelo próprio raciocínio, antes de ajuizarem da verdade ou do erro da nossa maneira de julgar os factos.

Eis os números da temporada, sem comentários, na singeleza da sua eloquência.

Reúnimos numa lista de 51 marcas os três

melhores resultados do ano em cada uma das 17 provas individuais dos campeonatos e encontrámos-os repartidos pelos vários clubes praticantes na seguinte relação:

Benfica....	22 citações, pertencentes a 14 atletas
Sporting....	20 citações, pertencentes a 13 atletas
Académico....	4 citações, pertencentes a 3 atletas
Académica....	2 citações do mesmo atleta
Belenenses....	2 citações de 2 atletas
Salgueiros....	1 citação.

Classificadas estas proezas pela equivalência da tabela finlandesa, encontramos as seguintes superiores a 800 pontos, limite mínimo para uma suposição de classe internacional:

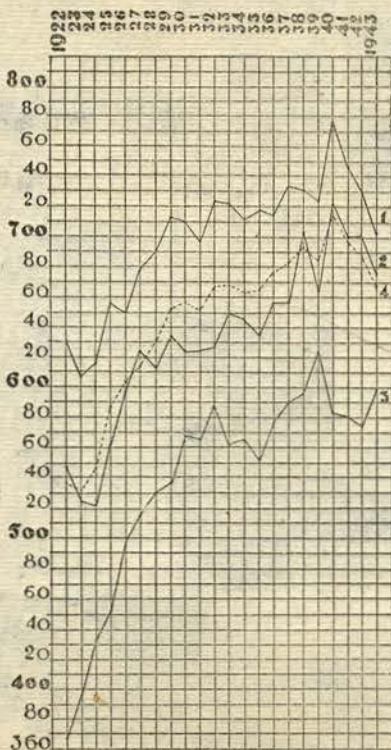
Fernando Lourenço, 200 m. em 20,8 s.....	902 p.
Fernando Lourenço, 200 m. em 29,5 s.....	817 p.
Manuel Núncio e Alfredo Abrunhosa, 200 metros em 11,1 s.....	814 p.
Fernando Ferreira, 110 m. barreiras em 15,8 s.....	804 p.

Um segundo grupo, de categoria mais modesta, correspondente à zona entre os 700 e os 800 pontos, engloba:

Matos Fernandes e João Durães, 1 ^o 30 em altura 786 p.	
Martina Vieira, 110 m. barreiras em 18 s.....	770 p.
Matos Fernandes, 400 m. em 51,8 s.....	775 p.
Manuel Núncio, 200 m. em 23 s.....	757 p.
Abreu Lima, 200 m. em 23,2 s.....	734 p.
Luis Alcide, 1 ^o 74 em altura e 13 ^o 59 no triplo-salto, em ambos.....	727 p.
António Pereira 110 m. barreiras em 16,4 s.....	728 p.
Enfídio Ruito, lançamento do peso a 12 ^o 92.....	708 p.

Tudo o mais é modestíssimo e esta tabela autoriza a classificar os resultados de cada um pelo seu verdadeiro valor, sem influências de entusiasmo pessoal. Um atleta não ascende à grande classe pelos elogios e diframboa da critica; firma-se pelas suas insosfismáveis marcas.

Comparativamente à época passada, o valor médio do atletismo português desceu, como vem regularmente descendo desde o ano dourado de 1940. Observem os leitores o gráfico que acompanha esta crónica e merece uns momentos de atenção.



Os valores conferidos para cada correspondem à média da soma dos três melhores resultados da época (interpretados pela pontuação finlandesa em todas as corridas (gráfico 1), nos quatro saltos (gráfico 2), nos quatro lançamentos (gráfico 3), e no conjunto de todas as provas de corrida, salto e lançamento (gráfico 4).

Verifica-se, assim, que os nossos resultados em corridas são muito superiores aos dos saltos, e estes aos dos lançamentos, e que são os saltadores aqueles que mais se aproximam do valor do nosso atletismo.

Também ressalta da gravura o estacionamento, para não dizer pior, dos progressos atléticos, nestes últimos anos, devendo levar-se em conta na interpretação o afastamento forçado de inúmeros atletas de classe por motivo de deveres militares.

Praticamente, porém, valem o que valiam em 1935.

As escolas do atletismo lisboeta

Existem em Lisboa quatro grandes clubes que transitória ou permanentemente têm constituído os grandes centros de fomento da modalidade. São eles, por ordem alfabética: Belenenses, Benfica, Internacional e Sporting.

Para formular um juízo sobre o tributo de valores prestados por cada um destes centros ao atletismo português vamos vêr, por exemplo, quantos títulos de campeão nacional cada um deles conquistou durante os vários períodos em que a lógica aconselha dividir a história da modalidade.

O primeiro período da actividade atlética portuguesa vai de 1911 a 1915, data em que a Grande Guerra interrompeu as competições oficiais; é o tempo da predominância «internacionalista», apoiada na forte rivalidade do Sporting. Vejamos os números deste prazo:

Internacional.....	40 campeonatos
Sporting.....	34 campeonatos
Benfica.....	8 campeonatos

Recomeçam as organizações federativas em 1922 e, até 1927, os mesmos dois centros predominantes do período anterior mantêm entre si acena, e indolente competição, que se traduz por:

Internacional.....	40 campeonatos
Sporting.....	36 campeonatos
Belenenses.....	4 campeonatos
Benfica.....	2 campeonatos

Nessa época entra em crise o clube das Laranjeiras e os «leões» mantêm durante onze anos nitida superioridade, que a progressiva ascensão da escola benfiquista começa a ameaçar. E, assim, entre 1928 e 1933, temos:

Sporting.....	69 campeonatos
Benfica.....	34 campeonatos
Internacional.....	14 campeonatos
Belenenses.....	9 campeonatos

Chegamos agora à última fase da evolução; o Benfica marca vantagem, mas o clube que com ele rivaliza é ainda o Sporting, o clube de sempre no atletismo português. Encontramos, entre 1939 e 1943, os números seguintes:

Sporting.....	35 campeonatos (13 em 1943)
Benfica.....	39 campeonatos
Belenenses.....	8 campeonatos
Internacional.....	2 campeonatos

Descartando os títulos ganhos este ano sem a competição do Benfica, as vitórias nacionais entre 1939 e 1942 cifram-se por 32 para os «encarnados» e 22 para os «verde-brancos». No total teremos:

Sporting.....	174 campeonatos
Internacional.....	96 campeonatos
Benfica.....	76 campeonatos
Belenenses.....	21 campeonatos

É evidente que não pretendemos com estas citações explicar tudo — mas explicamos alguma coisa, com a vantagem de o não fazer dogmáticamente.

Bicicletas «FLECHA»

A GRANDE MARCA DOS CAMPEÕES

Quere bom material eléctrico?

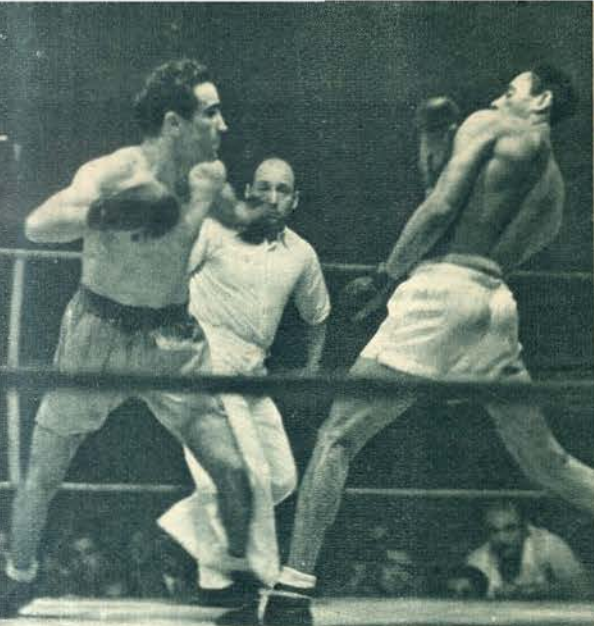
Consulte

A ILUMINANTE

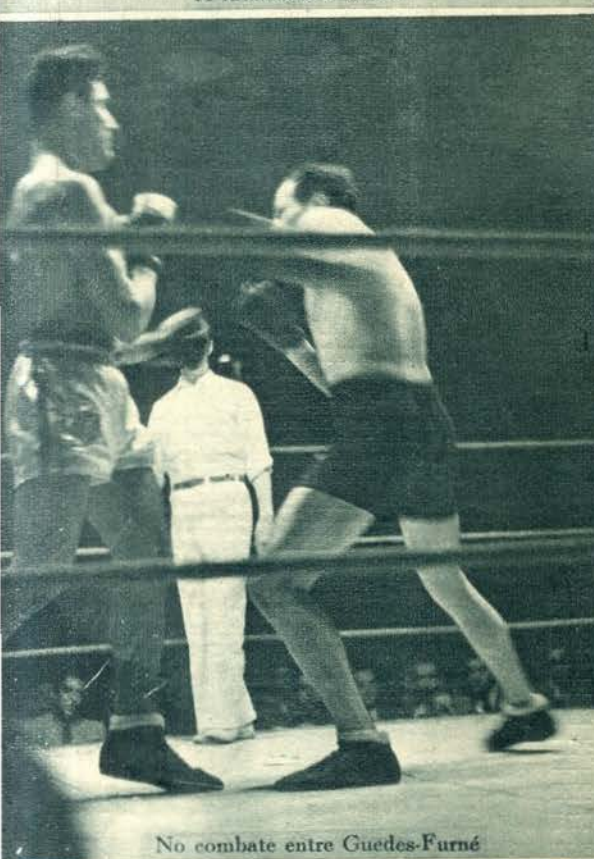
Avenida Almirante Reis e Largo do Intendente

a última sessão de Boxing no Estádio Mayer

COMENTÁRIOS de RAFAEL BARRADAS



A luta Larsem-Marco



No combate entre Guedes-Furné



Furné caminha para a conta fatal...

Há mais de sete anos que não me era dado assistir, em Portugal, a um combate entre profissionais do jogo do sôco. Durante longo prazo estive mesmo persuadido de que não voltaria, em caso algum, a escrever lérias para essa mela d'azia de leitores generosos e condescendentes que me perdoam a sintaxe desajetada e vão até final na leitura dos meus comentários.

Mas é bem certo que o Homem põe e o Destino dispõe...

Por isso aqui venho de novo, tal como esses tenores populares que, indo além da sua época áurea, persistem em reaparecer de vez em quando, a repetir um repertório, já conhecido de cor, com voz esgançada e sumidiça...

Como o'déles, este meu caso não tem cura possível — e há que ser compassivos com este género de enfermos...

Por conseguinte, não resta a vocelências outra saída que digerir esta prosa de vez em quando e àquêles meus oito leitores constantes, a que me referi, de exultar com a minha reaparição, que lhes garante semanalmente uma coluna de falsa sabença pugilística, acompanhada de certa dose de pretenciosismo, tudo em mólho de vilão, para avinagrar o sabôr...

E, agora, passemos ao espectáculo nocturno do Parque Mayer. Foi assistir, indeciso, sem saber se devia crer nos saldos progressos dos jovens profissionais ou continuar céptico até ao fim da sessão. Ao cabo, a minha falta de confiança justificou-se e, para falar com franquesa, só lobriguei amadores dentro do tal quadrângulo onde as sucessivas pugnas desportivas se realizaram.

Está tudo, mais ou menos, como dantes, sem exceptuar o respeitável, o tonitroante público do fora-o-árbitro e deoutras amabilidades quejandas. Achei tudo muito bem conservado, graças a quem as merecer...

Pelo que toca aos jovens profissionais, pareceram-se demasiado uns com os outros na maneira como se serviram dos punhos, como se moveram no ring, como conduziram tacticamente os combates, etc., e por tal razão não poderei referir-me à cerca das habilidades de cada qual, mas apenas dar uma ideia dos encontros.

Quanto à sessão, prôpriamente, sou de parecer que não correspondeu à expectativa do público e que o desiludiu. Como sempre, creio que o cartaz deve estar de harmonia com os preços da bilheteira — se não o espectador sente-se prejudicado e desaparece.

Isso tem em vista orientor os organizadores para de futuro. Agora — aos combates...

Guilherme Martins ganhou a Eduardo Alves depois de seis assaltos mexidos e remexidos com abundante gesticulação. Golpes clássicos e nítidos, quasi nenhuns. Deficiente conhecimento da instrução primária pugilística. A vitória foi dada por pontos àquêles que se esforçou mais.

Em seguida, Kid Levy perdeu por desistência, ao 3.º assalto, a favor de A. Branco, devido a uma distensão muscular na perna direita. O encontro decorria com leve vantagem para o vencido, apesar do excesso de pulnhos inúteis, que possivelmente originaram a sua derrota.

O terceiro combate, entre Marco (espanhol) e Larsem terminou com a vitória deste último, por pontos, depois dos oito assaltos previstos. A diferença entre os dois homens no 9.º round era pequena, mas o cansaço do vencido nos minutos finais puseram em claro a sua inferioridade. Ambos procuraram acertar com um sôco potente e obter o knockout. Se Larsem insistisse em bater à cara em «um-dois», o clássico e sempre eficaz ataque que Willie Lewis ensinou à Europa em 1908, teria dominado em absoluto e até conseguido a contagem dos dez segundos, sobre o adversário.

O combate seguinte deveria passar-se entre Sôria (espanhol) e Figueiredo, mas, por motivo de doença, veto no lugar deste o 3.ª série Teixeira. Um combate nestas condições é tecnicamente desproporção-

(Conclui na página 14)

Corrija o seu ESTILO

A fotografia é fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes

1—João Guimarães Marques, corredor de 110 metros barreiras. — Posição de estilista, admirável de facilidade e flexibilidade, que nos não repugna apontar como modelo. Exemplo flagrante de um atleta habilidoso, que não aproveita as faculdades por desinteresse na preparação.

1—A perna anterior vai perfeitamente estendida, com o pé em posição rectangular, dando prova da enorme elasticidade do grupo muscular posterior da coxa. Veja-se, para confronto,

2— a perna correspondente de António Araújo, que se mantém assentadamente flectida pelo joelho.

3— Esta facultade de extensão da perna permite que a nadega rase a barreira, poupando tempo e esforço, dada a menor elevação do centro de gravidade; observando com cuidado, vê-se, por detrás da nadega e ao mesmo nível, o pé esquerdo com o eixo em plano horizontal, indicativo da perfeita abdução do joelho.

4— O tronco flectiu naturalmente adiante, ajudando a subida para a barreira, e mantém-se perfeitamente de frente, sem a mínima torção,

5— graças à projecção adiante do braço esquerdo, que assegura perfeito equilíbrio geral; quasi todos os barreiristas portugueses, por insuficiência de flexibilidade articular e muscular, abrem os braços em cruz quando atingem o vértice da passagem da barreira.

2— António Cadete, "recordman" nacional do lançamento do dardo. — Estas três fotografias, colhidas na verdade da competição, demonstram em flagrante o estilo de projecção final do campeão portuense e podem ser comparadas com aquelas insertas no "Stadium" de 1 de Setembro, para contra prova dos reparos que há uma semana escrevemos.

1— A perna esquerda foi lançada bem longe adiante para servir de alavanca de apoio ao movimento do corpo na impulsão do dardo, conservando-se por isso sempre estendida e em apoio firme.

2— O tronco flectido para traz e em torsão para a direita, no início do movimento, adianta-se e volta-se de novo de frente para o campo de lançamento, arrastando o ombro direito adiante e precedendo o braço que vai chicotear o dardo.

3— O braço direito inicia o seu movimento projectar da extensão à rectaguarda,

4— e a mão vem por cima do ombro, afastando-se o cotovelo para fora, em abdução máxima do antebraço e rotação do ombro para traz. Esta posição do braço, difficil de executar e exigindo grande flexibilidade articular, define a classe de um lançador e contém o segredo dos bons resultados.

5— O braço esquerdo (ao contrário do que pareciam mostrar as fotografias do n.º 39) não se mantém inactivo, pois exerce violenta tracção do cotovelo para traz e para baixo, promovendo a



báscula do eixo escapular e orientando o movimento directivo do ombro direito.

6— Durante esta fase final, o pé direito vem acompanhando a deslocação do corpo para diante, mas arrastando pelo solo em acção de travagem à aceleração da corrida.

Estas duas primeiras fotografias mostram estilo apreciável e podem ser apresentadas como elementos de estudo; o mesmo não sucede com a terceira, posterior à saída do dardo da mão, que vamos de seguida analisar:

7— O corpo não se manteve no prolongamento da perna esquerda, braço de alavanca flectindo fortemente à frente pelo recuo da bacia. Deste modo, fraquejou o apoio (o lançador é como uma mola rígida a projectar o dardo) e a força de lançamento com certeza diminuiu. A posição do lançador devia ser aquela desenhada em síntese, e o lançamento acabar com o apoio do pé esquerdo à frente, numa última intervenção de travagem. Aqui está o erro ainda a corrigir, parece-nos.

8— Cadete terminou o lançamento com a preocupação de manter o pé direito à retaguarda, com receio de ultrapassar o limite. Sacrificou assim a atitude final, que devia ser em extensão, à necessidade de conservar o pé direito agarrado ao solo, à retaguarda do outro.

Se houvesse conservado o tronco levantado a apoiar o dardo, empurrando-o até final, não poderia dispensar o passo suplementar de travagem, levando o pé direito para o lugar indicado por 8.º e que é o remate lógico de todos os ensaios de projecção do dardo.

Falta-nos verificar se este defeito é habitual no estilo de Cadete, ou se o instantâneo colheu um mau lançamento.

Salazar Carreira



Herculano Mendes Notas... sem valor

GLÓRIA E EXEMPLO
do atletismo nortenho

UMA semana de intervalo nos nossos habituais comentários sobre a situação do atletismo portuense, para que se preste homenagem ao valor de um atleta e se apresente como salutar exemplo aos novos praticantes.

Trata-se de Herculano Mendes, a propósito da notícia inserida nos jornais, em que se diz ter feito nos recentes nacionais de seniores, efectuados em Lisboa, as suas despedidas da pratica atlética, depois de 18 anos de gloriosa actividade.

Podê dizer-se que Herculano Mendes foi dos maiores atletas nacionais — e o primeiro entre todos os portuenses. O seu «palmarés» é verdadeiramente impressionante e ficará a atestar a salutar actividade de um homem que dedicou ao atletismo os melhores anos da sua vida.

Como lançador do disco, e sobretudo do martelo, as suas «marcas» trouxeram ao atletismo nacional novos horizontes, novas perspectivas. Infelizmente, os nossos dirigentes nem sempre souberam aproveitá-las...

Vejam os seus melhores resultados: no lançamento do disco — campeão nacional pela primeira vez em 1931, com 38,06^m, para em seguida se manter com o título máximo de 1933 até 1940. Em 1927 é «recordman» nacional, com 36,94^m, mas António Cardoso, do Internacional, destrona-o nesse mesmo ano. Volta, porém, em 1936, a apoderar-se do «máximo», com 43,70^m, «marca» que se mantém ainda hoje!

No lançamento do martelo, os seus resultados são ainda mais sensacionais: desde 1928 que Herculano é campeão nacional e «recordman», com «marcas» que começaram em 35,02^m e foram até 47,37^m, actual máximo nacional. Além disso, Herculano Mendes tem feito parte de todas as representações portuenses em encontros entrecidades e internacionais, e sempre, diga-se de passagem, com o mais glorioso êxito.

Mas não foi só como praticante que a sua figura de atleta se evidenciou: também como treinador, quando da sua curta passagem por Maceira de Liz, a sua acção se fez sentir, criando o gosto pelo atletismo num meio onde não se falava da modalidade. Deve-se-lhe a preparação de Avelino Touça, que no martelo ocupa o quarto lugar entre os melhores lançadores, e de Ester Ramos, a mais completa discóbola portuguesa. E de passagem diga-se que Herculano Mendes poderá continuar agora a prestar ao atletismo nacional os mesmos serviços que até aqui, não como praticante mas como orientador técnico, visto que a sua experiência é de real valia e o nosso meio não está muito farto em treinadores...

E, pois, um homem desta excepcional categoria que vai abandonar a pratica atlética — e é com imensa saúde que o vemos partir...

A sua saída da actividade não pode de maneira alguma resumir-se a uma homenagem em família, como aquela que se registou nos recentes nacionais de seniores. É preciso que todos os desportistas portuenses saibam preparar a despedida condigna do homem que tão alto soube elevar o prestígio do nosso atletismo.

E, salvo melhor opinião, parece-me que o Académico, de colaboração com a A. P. A., devia tomar essa iniciativa, organizando um festival atlético e uma sessão solene, durante a qual Herculano Mendes receberia a sua medalha de ouro — prémio bem justo e que ficaria a atestar a eterna gratidão de todos ao atleta n.º 1 do Porto.

Cá ficamos a aguardar essa festa justíssima a que desde já prometemos toda a nossa modesta colaboração!

EDUARDO SOARES

DIA «morto», despido de interesse desportivo, o de domingo passado no burgo tipoiro. Num distrito próximo do Porto disputou-se uma competição velocipédica, com quatro clubes inscritos — Sporting Clube de Portugal, Sanguinhos, Porto e Académico. Mais uma vez, nas competições inter-clubes, apareceu um protesto (!...) com base muito curiosa. A inscrição de José Martins, ex-illuminante, agora no Sanguinhos, foi o ponto de partida da reclamação apresentada pelo Futebol Clube do Porto.

— Inesperadamente, sem tempo para fazer a história desportiva do «nosso» Herculano Mendes, um dos mais antigos atletas do país, limitamo-nos apenas a dizer neste comentário bem simples: foi, na realidade, o melhor lançador português de todos os tempos. Novo na matéria, Herculano Mendes, por alturas de 1927, procurou um clube para o seu aperfeiçoamento técnico — o Académico Futebol Clube. Deza-seis anos de actividade desportiva, envergando sempre a sua camisola «alvi-negra», como amador, o atleta de Cabecinhas de Basto fez, no penúltimo domingo, na capital, nos campeonatos nacionais — na sua prova — a despedida do atletismo. Há uma dívida a saldar pela gente do atletismo portuense — especialmente pelos seus colegas de equipa — para com Herculano Mendes. A bom entender...

— A primeira parte dos trabalhos da assembleia geral da Associação de Futebol do Porto está já em dia — o relatório e contas da gerência foram aprovados, sem discussões «barulhentas»... Poucos delegados nos trabalhos! O F. C. do Porto e o Leça, da I Divisão, afastaram-se do ambiente da assembleia... Desta vez, o Oliveira do Douro, clube da II Divisão do concelho de Gaia, tinha outro representante — um «furioso» da bola... Ao lado do ex-delegado, um «permanente» das assembleias da Associação, o «novo» cumpriu bem o mandato — foi consciente nas suas atitudes.

— O presidente do conselho fiscal e jurisdicional, dr. Paulo Sarmento, o «mestre» do desporto portuense, não deixou passar em claro um ligeiro reparo do relatório, na parte destinada ao seu departamento. Interpretação rápida, de clareza evidente, própria do seu prestígio, colocou a questão no devido lugar — a «razão de ser» do seu pensamento...

— A gerência da Associação de Futebol do Porto, das melhores das últimas épocas, ficou assinalada com o magnífico documento apresentado à assembleia. Numa época de «falha» produção futebolística, a Associação marcou a sua personalidade directiva. Com Alberto Brito a «gular», o elenco fez muito — saiu fora de todas as previsões. Uma boa resposta para os optimistas...

— O «célebre» Circuito da Curia tem uma nova fase, com o «debate» na assembleia geral da Delegação da U. V. P. O «procurador geral» tem a seu cargo, para «salvar a honra do convento», a defesa do seu clube. O «Zé de Gaia», com a sua elegância jornalística — o primeiro do norte — já definiu o caso... Contudo, a questão arrastou-se — e vai ser discutida no lugar próprio. Tem razão o Académico? São concretas as afirmações de Américo Alves?

— Antes da época futebolística surgem muitas «novidades»... Um colega da especialidade fala na transferência de João Cruz para o F. C. do Porto. Há mais: Barros e Torres ficam no Atlético de Portugal; Oliveira, do Vitória, no Espinho; Machado não sai de Guimarães; Pereira Leite não joga pelo Sanguinhos; Zéca volta para o Avintes, etc...

— O Vasco da Gama inicia em breve a sua «viagem» ao sul. Vai por essas terras fora, em missão de propaganda do «basket-ball». O clube da rua de Alexandre Herculano trabalha pelo «seu» desporto...

Horizonte sombrio...

DÃO-SE as últimas demãos para a constituição dos grupos de honra que devem defender as cores dos nossos primeiros clubes. Os treinos prosseguem em ritmo acelerado, porque o tempo vira e o campeonato regional está à porta.

A matéria prima é, porém, escassa — frágil e nova. Alguns clubes veem-se e deixam-se para formarem o «cont» principal. As fugas, os anões, as deserções e os afastamentos imprevistos fazem oscilar a sua o gâncio; nomes que mudam de «poisos», outros cuja situação cubística ainda não está esclarecida, alguns cuja presença é ainda uma incógnita... Faltam guarda-redes, faltam defesas, médios e avançados de recurso...

Um panorama sombrio para o futebol portuense!

Diz-se que um dos nossos primeiros clubes apresentará a dois novatos na linha da frente, dois rapazes sem preparação nem «estô» para primeiras categorias — um deles vem dos juniores — elementos a adaptar, a fazer... Outro grupo não conta com a colaboração dos seus guarda-redes nominais, à espera, assim, como outro muito falado na época passada, da possível ou pretensa passagem para um clube do região de Braga, embora não seja da capital do Minho.

Há um defesa de classe, nome chamado como jogador internacional, cuja presença nos clubes portuenses — quem será o favorecido? — ainda não é ponto assente. Muito «namorados», não resolveu ainda escolher «adamas», a ver o caminho que as coisas levam...

E assim, com estas hesitações, com estas dúvidas, a data virá sem que os nossos melhores agrupamentos possam dar sequer uma amostra do que poderão fazer na hora em que o «prestígio da cidade esteja em jogo, quando as lutas fôrem entre o norte e o sul.

Difícil, muito difícil, fazer cálculos neste momento. Congenitas-se e estabelecem-se possibilidades, mas o «quadro» futebolístico portuense está muito confuso — tão confuso como nunca esteve.

Quisemos dar uma volta pelos clubes, pelos campos de treino. Para quê? Pois se as linhas que nos indicam estão susceptíveis de alterações! Vamos pela mesma esteira do ano passado. Os grupos continuaram a levar «crenças» — já a época, e no «Nacional» ainda estarão a braços com dificuldades.

Pessimismos? Não! Realismo, simplesmente. Já a nossa opinião de há um ano — tão comentada por alguns dos «bebedores do fino» — foi acertada. Não queremos que nos alcumem, mais uma vez, de «profeta de infelicidades»...

Só afirmamos que o ambiente é mau, que as coisas se adivinham difíceis, que o futebol portuense está em crise geral...

Ozalá que nos enganemos. Somos os primeiros a querer, batendo no peito, fazer penitência, «ciciando «mea culpa»... Ninguém o deseja com mais fervor.

Entretanto, meus senhores, continuamos a afirmar o que «escrevemos para título desta crónica despretenciosa:

Horizonte sombrio...

MARIO AFONSO

Faltam quatro dias!...

É verdade!...

Mais 4 dias de expectativa e as portas dos campos de futebol abrir-se-ão, de par em par, para dar entrada àqueles que irão assistir ao começo da época de futebol de 1943-44.

Contam-se pelos dedos o número de dias que falta para esse acontecimento. Vai, finalmente, satisfazer-se a curiosidade dos alvissareiros, dos furiosos, dos propaladores de más novas, dos que admitem tudo...

A bola vai saltar sobre o terreno. Quanta esperança derrubará no seu rodopio vertiginoso? Quantos castelos de sonho erguerá nas nuvens de pó que o seu rolar levante?

Ano a ano, época após outra, o começo da temporada é aguardado com verdadeiro frenesi. Há interesse em conhecer as novidades,

(Conclue na pág. 10)

começam no próximo domingo a disputar os campeonatos da A. F. L.

ESTÁ marcada para o próximo domingo a abertura da época oficial de futebol. Quere isto dizer que os apaixonados do desporto rel voltam a ter o seu espectáculo preferido, ao cabo de pouco mais de dois meses de forçadas mas apetezadas férias... Mas, a «doença» voltava já a miná-los, de modo que este recommo de actividade está a ser aguardado com certa dóse de impacência.

O começo das provas oficiais foi este ano antecipado cerca de um mês, em relação ás datas que habitualmente eram adoptadas. Escasseou, por isso, o tempo para certas experiências ou apresentações. Houve menos ensaios e isto só deve ter aguçado ainda mais o apeteite dos adeptos do futebol.

É, portanto, de esperar uma jornada repleta de entusiasmo e expectativa.

O campeonato da Divisão maior, que principa no próximo domingo, é o 33.º da série. Nos trinta e sete campeonatos que vão disputados verificaram-se 16 vitórias do Sporting, 10 do Benfica, 4 do Belenenses, 3 do Carcavelinhos, 2 do Viôria de Seubal, 1 do Internacional e 1 do Casa Pia A. C. A simpatia dos «leões» salta á primeira v. t. . .

A competição de 1943-44 vai ter os mesmos figurantes da anterior: Sporting (detentor do titulo), Benfica, Belenenses, Unidos, Atletico e Fosforos.

Presente-se (quando deixará de ser assim?) que todo o interesse da prova vai residir á volta do embate entre os três maiores da capital: «leões», «encarnados» e «cazuis» — mas não se esqueça que o Unidos, Atletico e Fosforos podem, muito bem, deitar por terra todas as esperanças. A história da prova é quasi fértil em casos dessa natureza.

Mas a idéa dominante é sempre a de que só os clubes que Szabo, Biri e Peics treinam são capazes de triunfar. E val dai o ligar-se extr ordinária importância ao resultado do sorteio, calendario etc. — enfim, nos actos preliminares da competição... Por isso não resistimos á tentação de publicar a ordem dos jogos. Eis-la:

- 1.º dia — Unidos-Benfica, Fosforos-Atletico e Sporting-Belenenses.
- 2.º dia — Benfica-Fosforos, Belenenses-Unidos e Atletico-Sporting.
- 3.º dia — Sporting-Benfica, Fosforos-Unidos e Belenenses-Atletico.
- 4.º dia — Benfica-Atletico, Unidos-Sporting e Fosforos-Belenenses.
- 5.º dia — Belenenses-Benfica, Atletico-Unidos e Sporting-Fosforos.

O Benfica parece o mais afortunado com este sorteio. Cabe-lhe receber em casa, na segunda volta, o Unidos, o Sporting e o Belenenses, ou sejam os concorrentes perigosos... O Sporting e o Belenenses têm os encontros mais dificeis, alternadamente em casa e fora. O interesse do campeonato afigura-se, portanto, assegurado até á última jornada.

Falemos, agora do campeonato da II Divisão. Vai disputar-se pela decima vez — terceira em que interessa a oito clubes.

De 1934-35 para cá venceram a prova, sucessivamente: Barreirense, Casa Pia A. C., União Operário, Unidos, União, Fosforos, Marvilense e Estoril Praia.

Tal como na I Divisão, os concorrentes de 1943-44 são os mesmos de 1942-43: Estoril, Marvilense, Chelas, Sacavenense, Futebol Benfica, Operário, Casa Pia A. C. e Olivais. Que pensar da prova que no domingo se inicia? Que o Estoril evidenciará a mesma superioridade da época finda e que voltará a triunfar? É possível que assim aconteça.

Mas é bom não esquecer que a prova com oito concorrentes dá ensejo a maior numero de imprevistos e, principalmente, que é maior o equilibrio de valores entre as várias equipas concorrentes.

Morreu Artur José Pereira!

MORREU Mestre Artur, no dizer da critica o melhor jogador português de futebol de sempre e figura grada do desporto nacional. O seu nome não esquecerá nunca, como jamais olvidará — aquêles que tiveram a ventura de o vêr jogar — o seu virtuosismo com a bola redonda, a facilidade de «shots» e a indomável energia que punha sempre na luta.

Artur José Pereira não teve quem o igualasse. Era um predestinado para o jogo do futebol; dele pode dizer-se, com propriedade, que nasceu jogador.

Para melhor conhecimento das suas portentosas qualidades, transcreva-se o que o comandante Reis Gonçalves — jornalista desportivo distinctissimo e belenense de sempre — disse dele, no boletim do clube, por occasiao da festa de homenagem levada a effeito, nas Salésias, na tarde de Natal de 1942:

«...há que Juniar, num só homem, a virtuosidade no passe justo e curto de Carlos Pereira e Figueiredo, o passe médio e longo aos extremos de Augusto Silva, o jogo da cabeça de Cesar de Matos, o «drilling» de Eloi e Pireza, o «shot» de Peiretoe e, finalmente a vontade indomável de vencer de José Manuel Soares e Albino».

Síntese mais perfeita, não conhecemos, francamente, porque o grande Artur tinha, na realidade, todas aquelas qualidades juntas — que ninguém o igualou ainda.

A noticia, brutal, do seu falecimento — chegou-nos na altura em que o último número do «Stadium» estava pronto para sair á rua; e por isso mesmo só agora podemos referir o acontecimento — que nos surpreendeu, como, de resto, a toda a gente.

Sabia-se que Artur estava doente, com um mal que não perdôa. Artur era forte, e, apesar de ter mais de cinquentta anos, resistia com estoicismo aos profundos estragos que a doença lhe produzia no organismo. Um dia, porém, tinha de perder — nesta luta em que nenhum de nós leva a melhor.

Poi um ídolo. E ainda agora o seu nome não se apagará da memória daquêles que há mais de trinta anos o tinham visto jogar pela primeira vez — como também o respeitavam quanto a, não o tendo visto em camp, dele sabiam os predicados de grande jogador de futebol. Tanto assim que na sua festa de consagração, no Natal de 1942 — festa a que Artur já não pôde assistir! — o público acorreu em numero elevado e todos, desde os aficionados anónimos aos vultos mais em realce no futebol português, associaram-se á intenção que animou a comissão organizadora.

Nesse festival, o Belenenses conquistou a taça «Diário de Lisboa», e o Benfica — um trofeu por que Artur passou — teve como prémio o trofeu que «Stadium» ofereceu em homenagem ao Mestre.

E, para finalizar, damos nota da ordem dos encontros:

- 1.º dia — Casa Pia A. C. — F. Benfica, Marvilense-Sacavenense, Olivais-Estoril e Operário-Chelas.
- 2.º dia — F. Benfica-Marvilense, Chelas-Casa Pia A. C., Sacavenense-Olivais e Estoril-Operário.
- 3.º dia — Olivais-F. Benfica, Marvilense-Casa Pia A. C., Operário-Sacavenense e Chelas-Estoril.
- 4.º dia — F. Benfica-Operário, Casa Pia A. C.-Olivais, Marvilense-Chelas e Sacavenense-Estoril.
- 5.º dia — Estoril-F. Benfica, Operário-Casa Pia A. C., Olivais-Marvilense e Chelas-Sacavenense.
- 6.º dia — F. Benfica-Sacavenense, Casa Pia A. C.-Estoril, Marvilense-Operário e Olivais-Chelas.
- 7.º e ultimo dia — Chelas-F. Benfica, Sacavenense-Casa Pia A. C., Estoril-Marvilense e Operário-Olivais.

Se a ordenação de valores fôsse a mesma de 1942-43, dir-se-ia que o encontro de maior interesse seria jogado na última saída.

Mas aguardemos o que nos reserva a jornada inaugural...

há cerca de vinte e dois anos, desgostaram-no de tal forma que o levaram a abandonar os treinos de preparação do «team» nacional. E o único ensejo — porque Artur seria seleccionado, de certeza — perdeu-se.

Retirou-se da actividade na época seguinte — mas deixando ficar obra construtiva, real e positiva, pois criara «escolas», que outros seguiram. Augusto Silva, o seu melhor discípulo, é um exemplo.

Mais tarde — voltou. Mas não já como jogador. A sua acção desenvolveu-se depois no campo do ensino prático, como orientador técnico do clube da sua paixão (Belenenses) e auxiliar precioso de Cândido de Oliveira, no período áureo do seleccionador nacional.

Começou a jogar futebol há quasi quarenta anos: em 1907. No Cruz da Pedra. E depois no União Belenense e no Sport Lisboa.

Em Setembro de 1908 — fêz agora, quasi no dia da sua morte, trinta e cinco anos — «nasceu» o novo Sport Lisboa e Benfica, fusão do Sport Lisboa e do Grupo Sport Benfica. E Artur passou a envergar a camisola encarnada — até 1914.

Nesse período de seis anos, Artur colaborou na série de triunfos que permitiram ao Benfica arrecadar a primeira taça definitiva do campeonato de Lisboa, tendo ainda defrontado «teams» estrangeiros de categoria, como os franceses do Red Star, Vie Au Grand Air du Meioc, Racing de Paris e Stade Bordelais, os espanhóis da Sociedad Gimnástica e do Madrid e os britânicos do New Crusaders e Third Lamark.

Mas a sua carreira, aureolada de triunfos, é longa de mais para ser evocada num simples artigo. Artur conheceu os maiores triunfos em Portugal e Espanha e no Brasil. O seu nome era s illado onde elle aparecia — e criou fama em Madrid e na Corunha, no Rio de Janeiro e em S. Paulo. Por toda a parte, enfim.

Jog u, como se diz acima, no Cruz da Pedra, no União Belenense e no Sport Lisboa; depois, no Benfica e no Sporting (de 1914 a 19). Finalmente, no Belenenses — desde a sua fundação até 26 de Março de 1922. Fêz nesse dia o seu último jogo de futebol, ocupando o posto de «center-half», onde brilhou como estrêla de primeira grandeza.

Como representante da A. F. L., allnhou em quasi todos os «teams» da época: no Brasil (em 1913) e nos qu tro primeiros, VI, VII e VIII encontros com o Porto. Jogou ainda — e treinou — no Sport Progresso e o F. C. do Porto, mas episodicamente.

Também foi categorizado árbitro e era sócio de mérito da A. F. L.

Eis, nas suas linhas gerais, a carreira gloriosa de Mestre Artur — o grande jogador que o futebol português produziu e acaba de perder para sempre.

No seu funeral, que safu da sede do Belenenses para o cemitério da Aluda, incorporaram-se antigos companheiros de pugnas desportivas e muitos jogadores das novas camadas. Gente de todas as épocas e de todos os clubes — nota de verdadeira camaradagem desportiva, como Artur merecia.

Da «velha guarda» distinguam-se os nomes, também, gloriosos, de Eduardo Luís Pinto Bastos Cosme Damião, Henrique Costa, Francisco Belas, Herculano Santos, Francisco Pereira — irmão de Artur —, Ribeiro dos Reis, Merik Barley — um inglês que é quasi nosso compatriota —, António Couto, Jorge Vieira, José Domingos, Alberto Rio, Jaime Gonçalves, José Rodrigues, Crisóstomo de Sá, António Penafiel, Carlos Canuto, Vitor Hugo, Joaquim de Almeida, Jaime Cadete, José Simões, Mayer de Carvalho, Albino Abrantes e Augusto Silva — o melhor discípulo do Mestre do futebol português.

Representantes de clubes e figuras de realce no meio, de antanho e de hoje, acompanharam o corpo de Artur até á sua derradeira morada, em manifestação de saúde e sentimento que elle mereceu em absoluto — e á qual «Stadium» se associa.

Começou o FUTEBOL!

Alguns instantâneos dos jogos de treino nas Salesias - Lumiar e Chelas



A equipa do Belenenses



Uma curiosa defesa vista no jogo das Salesias



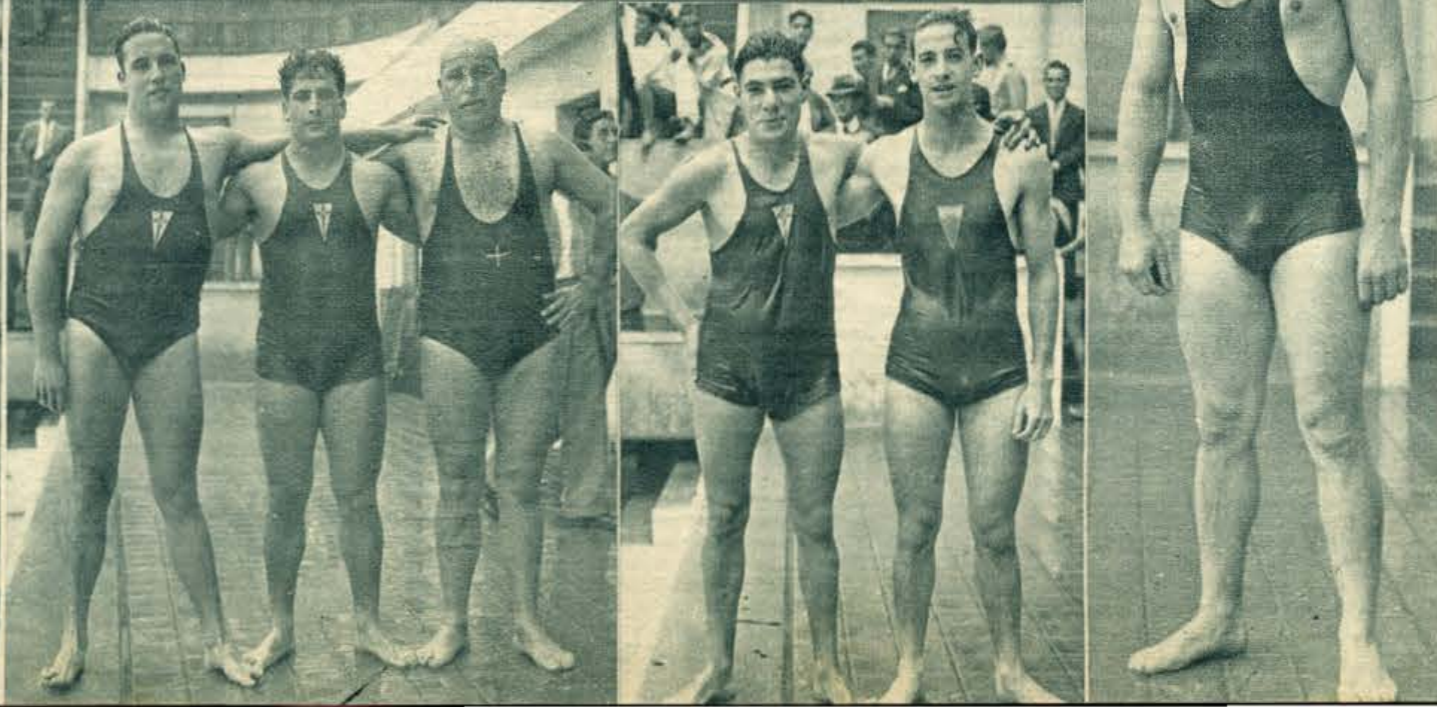
NO LUMIAR — O "keeper" chelense defende para "canto". Armando Ferreira carrega



Peyroteo começou bem... Ei-lo a "disparar" o 3.º tento do seu clube

NO FESTIVAL DAS TAÇAS "MARIO SIMAS" E "JOÃO DA SILVA MARQUES"

Em baixo, da esquerda para a direita: B. Basto-Jor. e O. Cabral, do S. A. Dalundo, e D. Cunha, do Belenenses, 1.º, 2.º e 3.º classificados nos 200 m. livres seniores; A. Palma Rego, do Estoril Ploze, e L. Puvão, do S. A. D., 1.º e 2.º dos 100 metros braços juniores; e Silva Marques, vencedor dos 200 braços seniores



O guarda-rédes do Chelas em uma das suas inúmeras intervenções

COISAS QUE DEVEM SABER-SE

sôbre desconhecimento de regulamentos, técnica da velocipédia e provas de pista

No ciclismo, como em todas as modalidades desportivas de competição, para se poder julgar qualquer falta ou punir as irregularidades derivadas de má execução dos praticantes, é necessário não só conhecer bem a mecânica da velocipédia, como estar a par das leis e regulamentos que a regem. Todavia, não é suficiente saber só como se executa a modalidade que se dirige e não basta ter-se decorrido apenas os parágrafos e os artigos por que essa modalidade é regida.

Nas pessoas que dirigem e orientam o ciclismo, a falta, em conjunto, dessas qualidades — conhecer a velocipédia por a haver praticado e estar dentro dos seus regulamentos por os ter estudado — provoca, na maioria dos casos, deliberações injustas, interpretações arbitrárias — donde os consequentes prejuízos de ordem técnica, a lesar este ou aquêllo clube ou este ou aquêllo corredor.

Porque, por muito imparcial que seja o dirigente — e nós estamos absolutamente cientes que tal predicado é apanágio da maioria dos mentores do nosso ciclismo — ele terá sempre grande dificuldade em resolver qualquer questão de ordem técnica desde que não saiba, por experiência própria, quais as particularidades dessa falta — se pode ter sido ocasionada propositada ou casualmente e se o infractor tirou dela benefícios ou prejuízos. Daí surgirem, em tantos casos, más interpretações de regulamentos, que tendem por objectivo castigar infractores sem afinal a beneficiá-los.

Ganhar a todo o transe

A maioria dos protestos que têm surgido sôbre corridas de bicicletas são consequência dessa falta de conhecimentos, e, digamos também, da ádua insofrida de ver ganhar os elementos que cada um dirige. É que não se tendo a noção exacta da gravidade das faltas cometidas e da sua influência sôbre o desenrolar das competições, chega-se a castigar atletas que, embora prevaricando tecnicamente, tiveram, para concluir as provas, de despendir esforço muito maior que os restantes concorrentes.

Por exemplo: já uma vez nos quisermos declassificar, numa corrida que havíamos ganho, por termos virado 100 metros além do ponto marcando para regressar à meta!...

De quem partiu o protesto? Do delegado que orientava o corredor chegado em segundo lugar...

O público das corridas

A falta de conhecimentos do público, sobretudo no que diz respeito às questões técnicas, embora tenha consequências más benéficas, pois dele não podem partir as desclassificações, multas ou suspensões, nem por isso deixa de ter as suas arreliaadoras inconveniências. Surgem, por vezes, protestos infundados, conflitos, — e na maioria dos casos os trabalhos de quem dirige sofrem influência do ambiente hostil creado pela assistência.

Tal como no futebol e noutras modalidades, em que o desconhecimento das leis provoca incidentes de toda a espécie, o ciclismo, sobretudo o de pista, em que o público assiste a todas as fases da luta, necessita de que lhe divulguem, em pormenor, os seus meandros de execução.

Necessário se torna que o público conheça não só a letra dos regulamentos como também o espírito dos mesmos, isto é, a intenção do legislador ao elaborar tais regulamentos. Há que saber o que se pretende evitar proibindo esta ou aquela manobra, autorizando determinado accôrso ou consentindo esta ou aquela attitude.

Eis o objectivo deste nosso trabalho, que é por assim dizer a continuação de muitos outros no mesmo género publicados de há alguns anos a esta parte.

As provas na pista (material)

São totalmente diferentes das de estrada as competições em pista. Material empregado,

condições em que se corre, processos de classificação, ajuda mútua, enfim, muita coisa difere da pista para a estrada.

Assim, em pista só é permitido o uso de bicicletas de roda presa, sem travões, sem porcas de orelhas e com as extremidades dos guidadores tapados.

Estas características no material, que visam à obtenção do maior rendimento com o menor esforço, também são determinadas pela necessidade de defender a integridade física dos corredores. Além de se tornarem muito mais leves, as bicicletas sem travões não podem afrouxar ou parar bruscamente, o que evita choques.

As porcas de orelhas, tão vulgares em máquinas de corrida, podiam provocar, logo que se introduzíssem nos raios, o corte destes e a queda dos corredores: Daí a sua proibição. Quanto às extremidades dos guidadores sem os necessários tacos seria um constante perigo para os concorrentes, pois um choque poderia provocar golpes graves, feitos pelos bordos cortantes daqueles accôrsores.

Em virtude das máquinas de pista possuem como elemento de travagem apenas o carreto preso, este não deve adaptar-se sem a respectiva contra-porca exterior. E que sem esta o carreto podia desenroscar-se e sair do cubo e então o corredor jámais poderia dominar a montada. Rolaria sempre até perder a embalgem.

Ninguém poderá correr em pista — e isto em França, por exemplo, é rigoroso — sem trazer os «boyaux» colados, como é também proibido naquele país, sobretudo nas pistas de cimento e de madeira, alinhar sem capacete protector. Em caso de queda, esta não será de consequências tão graves.

Todavia, para ser eficaz o uso do capacete, este deve ser bem afeivelado.

Afirmou-se, até, na altura da morte do malogrado Rayn-ud, que succumbiu quando, como campeão do Mundo, corria em Antuerpia, que esse desastre fatal foi motivado por aquele atleta não trazer o capacete bem apertado. Desde então tornou-se ainda mais rigorosa a fiscalização nas pistas da Europa, à maneira como cada corredor usava o seu capacete. Entre nós, porém, onde só há pistas de terra, não se torna imprescindível tal protecção. Mas outras coisas há que é necessário regulamentar e divulgar, e por isso continuaremos nos próximos números.

GIL MOREIRA

Faltam quatro dias!

(Conclusão da pág. 6)

em desvendar os mistérios que os boateiros fazem proparar; os grupos vão ser conhecidos e com a sua apresentação ver-se-á quais foram os desertores, quais os novos aliciados.

Faltam quatro dias!...

A Brasileira — a desportiva — aquela parte voltada para o ângulo das ruas do Bonjardim e de Sá da Bandeira, fervilha, rumoreja, em azáfama constante.

Vivem-se ali horas que nunca mais esquecerem. Demais, com a ignorância do que vai ser a situação de alguns dos seus jogadores de «nome», ainda mais o comentário aparece. Há rostos anciosos, outros que traduzem indignação, outros que mostram ainda a calma da esperança, como conscientes de qualquer coisa que nem elles próprios sabem o que é.

E o Excelsior? O mesmo panorama, mas mais desenvolvido, mais largo. E a gente do Académico, a do Boavista, a do Salgueiros. Tudo discute, tudo fala, o borborinho aumenta. De quando em vez, uma interjeição mais forte faz erguer a cabeça daquêlles que estão perto. E Círcano, Beltrano ou Tatarano, que, indignadamente, protesta — protestos de café, o que vale... — contra a attitude d'este ou daquêl.

Balaceiam-se possibilidades, fazem-se projectos, afinam-se os «cordelinhos»... e apon-

Acontecimentos da semana

O mau tempo que fez nos últimos dias da semana finda, impediu que muitas das provas annunciadas para domingo se efectuassem. E neste caso, podem contar-se, como os mais importantes, daquêlles que não se efectuaram: o festival velopédico da U. V. P. e o torneio de atletismo do Sporting, no Estádio do Lumiar; as regatas de vela de S. Pedro, no Seixal (adiadas novamente); a IV meta-milha da Ria de Aveiro, o Troféu «Walter Brasch», no pequeno Estuário de Sagres e o Bussia da frota de vela que o Clube Náutico do Portugal se propunha efectuar à margem sul do Tejo.

«BASKET-BALL» — O Vasco da Gama, do Pôrto, distribuiu os prémios dos torneios da última época, sendo contemplados 75 atletas com cerca de duas centenas de medalhas.

«BOXING» — A F. P. B. prohibiu o espanhol Méseguer de combater em Portugal pelo espaço de seis meses, por ter apurado que fora voluntário o golpe baixo dado em Carlos Gomes, no recente combate do Campo Pequeno, e classificou de 2.ª séries os moçambicanos Neves, Braga e Talof.

— Morreu em Joannesburgo o antigo campeão mundial dos «ciclismo», Elliot Myers.

CICLISMO — Plans ganhou o campeonato de velocidade da Catalunha e Mançisidor, de Sans, venceu o Grande Prémio de Bilbao.

— O Grande Prémio das Nações, disputado em Paris, foi ganho pelo francês Boquet.

FUTEBOL — Reuniu-se a assembleia da A. F. Setúbal, que elegeu os corpos gerenciaes seguintes: Direcção

— Presidente, Tavares de Carvalho, vice-presidente, Covachich Costa; secretário geral, Gabriel de Souto; secretário adjunto, Jesus Gonçalves; tesoureiro, Almeida Alves; vogais, Soeiro Vasques e Rogério Martins; suplentes, alf. António Maximiano e Rogério Pereira. Assembleia geral — Januário Dias, eng.º Alexandre de Castro, Silva de Carvalho e Rocha Cortez. Conselho Fiscal e Jurisdiccional — Cosme Lopes, Ezequiel Cavaco, João Lourenço, Joaquim Barreto, Germano Rendas, Armando Balinho e Lopes Júnior. Conselho técnico — Espírito Santo, Pedro Gomes e Eduardo Fernandes.

MARÇA — O marchador sueco Werner-Hardmo bateu, em Estocolmo, o «record» do Mundo da légua, percorrendo a distância em 36 m. 31 s. 4/10.

PATINAGEM — Foi dado o nome de Fernando Adriaço ao «rieks» do Futebol Benfica.

TÊNIS — Disputaram-se os torneios da Costa da Caparica, com muita animação e entusiasmo.

— Joseph Hunt ganhou o campeonato dos Estados Unidos. Efectuaram-se torneios nas Caldas da Rainha, Foz (Pôrto) e Sintra.

CAMPEONATOS DE VELA DA «MOCIDADE PORTUGUESA»

DIGNOS de relevo os campeonatos de vela da Mocidade Portuguesa, a que concorreram os centros de vela de Lisboa, Pôrto, Figueira da Foz, Barreiro e Portimão.

A pesar do vento norte, muito fresco, que soprou durante as primeiras provas, todas as regatas se impuseram pela forma como os velejadores fizeram os percursos estabelecidos.

Na prova de «sharpies» de 12.ª, Lisboa mostrou boa superioridade, somando 11 pontos. Depois: Pôrto, Figueira da Foz e Barreiro, todos com 6 pontos. Constituíam as tripulações: Lisboa — João Tito — Manuel Soares; Pôrto — Albino Condé — Guedes de Carvalho; Figueira da Foz — Joaquim Braga — Sebastião Monteiro; Barreiro — Vasco Matias — Modesto Cravinho.

O campeonato de «sharpies» de 9.ª foi vencido o seguinte resultado final: Portimão (António José Moura), 11 pontos; Lisboa (Fernando Dentinho), 10 pontos; Barreiro (António Luis Machado), 4 pontos e Pôrto (Dário Tamegão) 3.

HOMENAGEM A SILVA RUIVO

Os srs. Pierre Charles, Silva Lopes e Tavares Coutinho vão promover, ainda este mês, uma festa de homenagem a Silva Ruivo, o primeiro «boxeur» português e antigo campeão nacional, há anos afastado da actividade. O programa desta reunião de «boxing», que tem o patrocínio da Direcção Geral dos Desportos e se realiza no Estádio Mayer, por amável aquiescência da Sala Central de Desportos, consta de vários combates, nos quais tomam parte amadores da «velha guarda» e da nova geração e alguns dos nossos melhores campeões profissionais, entre elles Agostinho Guedes e Beni Levi.

ta-se um provável vencedor! Quem? Todos, menos aquêl que talvez o venha a ser...

Eis o panorama de hoje, de ontem, de todos os anos — quando Setembro aparece a fazer as despedidas ao verão.

Nunca muda!...

FLOREANO BASTO

Recordando Jess Owens,
«maravilha» do atletismo
americano . . .

O leitor lembra-se, talvez, de ouvir falar de um negro americano, que, há poucos anos, deu brado em todo o Mundo, mercê de famosas e quasi incoñhecíveis proezas atléticas.

Pouco duradouro foi, porém, o seu reinado. Não passou muito tempo sem que deixassem de ser conhecidas notícias acerca de Jess Owens — assim se chamava esse extraordinário atleta e campeão olímpico.

Dur-se-ia que chegara, vira e vencera. Soubese depois — de há três para quatro anos — que Owens estava internado num sanatório. Para muitos, parece que o facto não constituiu surpresa. O desmedido entusiasmo do atleta, a sua continua super-actividade, sem ter em conta as condições físicas, só milagrosamente teriam outro desfecho.

No nosso país as suas proezas eram seguidas com invulgar curiosidade. O público pôde ver Jess Owens na tela — e isso mais contribuiu para a admiração pelo negro-maravilha.

É de interesse recordar hoje essa extraordinária figura do atletismo mundial, nesta secção de «Curiosidades», que o público tem acolhido com simpatia.

* * *

Jess Owens nasceu em 1915, na cidade de Cleveland, do Estado de Ohio. Foi segundo filho de um pobre jornalista negro, de apêlido Owens, para quem a vida não era fácil. . . e menos fácil se tornou à medida que a prole aumentava até chegar à dúzia!

Jess cresceu nos arredores daquela cidade, não isento de privações. Em determinada altura, a necessidade de ganhar alguns meios levou o futuro campeão a dedicar-se à venda de jornais pelas ruas da cidade. Eis, portanto, o modo de iniciação da sua carreira atlética. Dos doze irmãos, apenas Jess mostrava aptidão para o desporto, mas isso não excluía especial empenho em se instruir, de modo que lhe permitisse melhorar a sua situação.

Matriculado na Escola Superior de Fairmont, aí o descobriu para o atletismo o director do Clube Atlético de Cleveland, Jimmy Lee. Owens contava então dezasseis anos e adiantava-se já aos seus condiscipulos nos campeonatos locais, revelando preferência pela velocidade pura e salto em comprimento.

Depressa surgiram os primeiros êxitos. Ainda em 1931, Owens pertencia à Escola «Eats Technical High» e ganhava as provas de 100, 200, 200 barreiras e o comprimento. Era seu treinador Charley Riley.

No ano seguinte, foi indicado para a selecção olímpica de Chicago, mas Metcalfe e Tolan — então verdadeiros ídolos — tiraram-lhe as esperanças. . . e o lugar na selecção. Mas, pouco depois dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, Joss venceu Borchmeyer, num torneio importante, em Cleveland.

Em 1935 e 1933, Jess Owens conheceu o apogeu da sua carreira. No primeiro destes dois anos, numa pista de Arnabur, bateu três «récords» mundiais: o das 220 jardas, em 20 s $\frac{1}{10}$; o das 220 jardas barreiras, em 22 s $\frac{8}{10}$; e o salto em comprimento, com 8 metros e 13. O «máximo» das 100 jardas (9 s $\frac{1}{10}$) foi igualado. Dentre todas estas proezas, a mais importante era, sem dúvida, a do resultado do salto em comprimento. É que até então ninguém lograra ultrapassar os oito metros.

Os Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, trouxeram Jesse Owens à Europa. E cá, como lá, nos êxitos lhe estavam reservados. A sua selecção, fulhada em 1932, teve, então, o maior cabimento. Quatro vitórias (três individuais e uma por equipas) valorizaram ainda mais o interessante palmarés. Os 100 metros foram cobertos em 10 s $\frac{3}{10}$ (na eliminatória fora creditado de menos $\frac{1}{10}$); para percorrer os 200 metros não foi preciso mais do que 20 s $\frac{1}{10}$; e no comprimento, Jess «voou» 8,60 metros. O famoso campeão fez parte da equipa que deu aos Estados Unidos a vitória na prova 4x100 metros, com o tempo de 39 s $\frac{8}{10}$.

Pode dizer-se que foram estas as últimas proe-

OS CAMPEONATOS INTERNACIONAIS DO ESTORIL

foram das melhores competições dos últimos tempos

DISPUTADOS de 1 a 5 do corrente mês, os campeonatos internacionais do Estoril serviram para recomêdo da actividade na «Zona Sul», segundo a designação adoptada pela Federação Portuguesa de Tênis.

Com efeito, depois dos torneios da Curia, Luso e Figueira da Foz, os jogadores da capital só puderam voltar a encontrar-se neste torneio da Costa do Sol que, diga-se desde já, fica para a história da competição como das suas melhores «edições» de todos os tempos.

Os campeonatos do Estoril, nos seus primeiros anos, revestiram-se de grande interesse e importância. Depois decaíram e no meio tenístico chegaram a gozar de pouca simpatia, mercê de factos que ouvimos algumas vezes citar aos jogadores e que, neste momento, não vêm para o caso.

Geza Torok começou há dois ou três anos a operar a reabilitação das provas do Estoril P. T. Pouco a pouco tem reconquistado o terreno perdido e, agora, com a competição de 1943, pode dizer-se que alcançou amplamente os fins em vista.

Graças a nova orientação na organização dos torneios, a simpatia dos jogadores voltou a ser notória. Desta maneira se compreende a possibilidade de efectuar as cinco tradicionais provas — hoje um caso raro no tênis português. É inevitável que o cuidado e os processos postos na organização contribuíram eficazmente para o seu completo êxito.

Focado este pormenor, outro merece ser apontado como de influência capital no brilhantismo das provas: a presença de jo adores que andavam arredios das pugnas, quer por motivos da sua vida particular, quer por certo desinteresse. Não oferece dúvidas que Domingos Avilez, E. Correia Pereira, Henrique Cunha, Eduardo Campos de Andrada e D. Maria Tereza Cunha provocaram maior espectativa à roda de certos encontros.

Estes dois factores estão na base do êxito dos campeonatos internacionais do Estoril. Mas outros podem e devem ainda mencionar-se: a muito escassa percentagem de faltas de comparecência (em boa verdade só a do dr. Eurico Serra), o interesse posto na luta por todos os concorrentes e, finalmente, a maneira como foram repartidos os títulos. Assinala-se, ainda, que o desfecho da prova mais importante («single men's») teve o seu quê de surpresa.

E agora, focados estes dois aspectos, restam-nos algumas apreciações quanto ao comportamento dos concorrentes.

* * *

Comecemos pela prova de singulares-homens. A vitória pertenceu — e muito justamente — a Domingos Avilez. Para os que pudessem supor que Avilez «acabara» — não se podia fornecer melhor desmentido. O simpático jogador, «isolado» por força da sua vida profissional, aproveitou as férias para se inscrever no torneio. Melhorando de exibição para exibição, logrou na final bater o actual campeão de Portugal — o simpático e correcto José Roquete. É certo que a actuação d'este esteve muito abaixo do seu melhor e foi coroada por certa desmoralização. Mas não é menos verdade que Avilez lançou mão de todos os seus recursos: calma, «cabecça» e segurança, que pode muito bem significar confiança em si próprio. Ficou mais uma vez demonstrado que este jogador nunca pode considerar-se vencido.

Depois do vencedor é justo que se fale do finalista. José Roquete teve de defrontar três «novos» para atingir a final. Sucessivamente, jogou contra Perez Calvet, José da Silva, Júlio Bastos e A. Teixeira Bastos, a todos vencendo

as de Owens. De regresso à América, foi-lhe dispensada em Cleveland uma recepção verdadeiramente apoteótica. E pouco mais durou este atleta — que foi, sem dúvida, dos maiores que a América teve.

com relativo à-vontade. É de presumir que tenha encarado a final com confiança que depois teve de reconhecer excessiva. Mas, independentemente disso, esteve em má tarde, perdendo pontos de facilíma obtenção.

Fernando Frade, em quem os dirigentes do tênis nacional depositam as maiores esperanças e que apontam como o «novo» de mais futuro (nós, por enquanto, colocamo-lo atrás de Prata Dias, José Silva e Azevedo Gomes), evidenciou-se, apenas, pela réplica oferecida ao vencedor.

José da Silva obteve valioso triunfo sobre W. Orton, embora sem finalidade prática. . . porque logo teve por adversário José Roquete. Todavia, o resultado (4/6 e 6/8) pode considerar-se sobremaneira honroso.

Diante de um grupo de tão bons valores, Teixeira Bastos deve ter sido o primeiro a ficar surpreendido com a sua presença nas meias finais. Mas, a sua tarefa foi tão fácil. . .

E dos outros, que dizer? Que Orton não correspondeu ao que se esperava, depois da sua série de bons resultados nos últimos torneios; que Júlio Bastos foi eliminado por J. Roquete e que isso nada o deslustra; que Correia Pereira foi o que mais acusou a falta de treino, facto que Henrique Cunha também demonstrou claramente; que Alfredo Braga, esforçado, tira proveito da sua persistência; que o marquês de Mendia está em má forma; e, finalmente, que António Campos de Andrada se mostrou irregular. Mas, fica-lhe a consoladora compensação de só ter sido eliminado pelos vencedores das provas.

E mais não há a dizer.

* * *

Nas provas de «singulares-senhoras», a qualidade dos concorrentes supriu — e bem — a quantidade. A presença de Mrs. Flint, uma jogadora cujo nome já conhecíamos dos torneios da Madeira, constituiu grande atractivo. Quere-nos parecer que vem ocupar o lugar de Mary Mota — o n.º 2 da classificação. Porque Gabriela Cantarino continua a ser a primeira — e ainda desta vez o demonstrou. Anular a vantagem da adversária na final, que depois de ter ganho o primeiro «set» chegou a 5/2 e 4/0 é, na realidade, proeza difícilíssima.

Saliente-se ainda a exibição de Miss Peggy Brixe, que progride lenta mas acentuadamente.

* * *

Das provas de pares pouco há a escrever. Pelo equilíbrio de valores, a melhor foi a de senhoras, ganha por Mrs. Flint e Mrs. Durham — de facto a formação mais homogênea, se bem que G. Cantarino-Maria Tereza Cunha tivessem actuação francamente boa.

Na prova de homens triunfaram J. Roquete-D. Avilez. Os resultados que alcançaram foram tão nítidos que a ninguém ficou dúvidas quanto ao mérito da vitória. Os irmãos Silva chegaram à final, podendo dizer-se que defenderam até à última o título ganho em 1942. E foram adversários dignos.

O mesmo pode dizer-se da prova de «mistos» ganha por Mrs. Flint-José da Silva.

DRIVE

Agradecimentos à «Stadium»

Recebemos da direcção do Clube Nacional de Natação um amável officio de agradecimento pelo patrocínio que a «Stadium» deu às festas comemorativas do 24.º aniversário da colectividade, que decorreram com desusado brilhantismo. Registamos a gentileza, pondo os nossos serviços, mais uma vez e sempre, à disposição do C. N. N.

Também a direcção do Unidos Futebol Clube nos participa ter sido aprovado, em assembleia, um voto de agradecimento à nossa revista. Muito obrigado.

Ainda os CAMPEONATOS NACIONAIS de Atletismo



María Natália Gómes, do Belenenses, campeã de saltos em comprimento



Emídio Ruivo, do Sporting, campeão do peso



Olga Ribeiro, Maria Ester e Judite Real, do Sporting, que estabeleceram novo "record" do sul nos 3 x 60 m.



António Araújo, do Sporting, vencedor dos 100 metros



Olga Ribeiro (Sporting), Francelina Moita (Belenenses) e Georgete Duarte (Casa Pia), respectivamente 1.ª, 2.ª e 3.ª classificadas nos 80 metros barreiras. A vencedora estabeleceu novo "record" nacional

(Foto Nuno d'Almeida)

Stadium na Capital do Norte



1 e 2 — Aspectos do jogo entre o F. C. Porto e o Infesta; 3 — Começou o futebol — e a rapaziada aproveita o intervalo... 4 — No aniversário do Vasco da Gama; Alves Teixeira e José Dumas na distribuição de prémios. Dias Leite recebe as suas medalhas

(Fotos Hermann)



NA FESTA DOS PESCADORES

ORGANIZADA SOB O PATROCÍNIO DE «O SÉCULO»

As curiosas regatas de Sesimbra despertaram justificado interesse. A gravura mostra-nos um flagrante aspecto da luta para a conquista da taça "Embaixador de Inglaterra"



Os caçadores portugueses começam hoje a honrar Santo Huberto

QUANDO este número da «Stadium» circular já em todo o país terão disparado os seus primeiros tiros as e plangidas dos caçadores portugueses: dia da abertura da caça — um desporto que em Portugal é praticado com imenso entusiasmo pelos 75 mil devotos de Santo Huberto, tal é o número de caçadores que as estatísticas indicam.

A caça em Portugal tem tradições e história. No entanto, a modalidade — constituída, além de útil desporto, um «caso» de interesse nacional — vive no sossego da sua actividade — que erradamente se tem classificado de simples comércio.

O dia da hoje é aproveitado por todos os caçadores.

Por montes e vales, percorrendo distâncias consideráveis a corta-mato ou embrenhando-se na terra densa, os caçadores não faltarão ao início do seu desporto preferido, pois são conhecidos os preparativos a que nestes últimos dias têm procedido, apesar das dificuldades que presentemente encontram, pelo aumento do custo das munições em mais de 100%. E a caça este ano interessa a todo o país. A par do seu aspecto desportivo, representa um auxílio valioso na nossa alimentação.

Estivemos há dias na Associação dos Caçadores do Sul de Portugal, colectividade que dedica a este desporto uma atenção de especial interesse para todos os caçadores, pois não só pugna por medidas de apoio e benefício para a caça, como informa e orienta devidamente todos os que se lhe dirigem.

Na sala dos sócios, onde impera ambiente próprio, conversámos com o sr. Vergílio Pereira, presidente da Associação, a propósito do dia da abertura da caça.

A disposição para esta nova época venatória é magnífica. Sabemo-lo por informações que nos chegam de todo o país, e podemos assegurar que dos 75 mil caçadores portugueses poucos ficarão em casa no dia da abertura.

— Nos arredores de Lisboa e nos locais mais distantes para onde os caçadores se possam deslocar, o movimento vai ser intenso, tanto mais que o ministro das Obras Públicas deferiu a nossa petição, em que solicitávamos livre trânsito para as camionetas e furgonetas ligeiras que aos domingos transportam exclusivamente caçadores, os seus apetrechos de caça e cães, autorização esta que alegrou imenso todos os devotos de Santo Huberto.

— Estão os caçadores de acordo com o dia da abertura da caça?

— Absolutamente. Há, sim, um pedido — que é uma aspiração dos caçadores há longos anos — quanto à caça às codornizes, patos e rãs, para ter seu início em 1.º de Agosto, mas até agora a nossa petição não foi atendida pelo ministro da Economia.

«O não só problema de grande interesse, e que continua sem solução, é o das coutadas.

«A Associação dos Caçadores não é apologeta da eliminação dos coutos mas sim da sua regulamentação. Os coutos são necessários sob o ponto de vista de repovoamento, mas não é justo que conchelos inteiros tenham as suas áreas de caça em regime de reserva, não sendo assim permitido aos caçadores dessas localidades praticarem o mais antigo e popular de todos os desportos.

«Por que se não há-de determinar um espaço de terreno livre onde os amadores da caça possam praticar o seu desporto preferido?

A parte deste desejo de verem resolvido um assunto que consideram da máxima importância para a sua actividade, os caçadores estão animados do maior entusiasmo para darem início à sua especialidade desportiva, tanto mais que há informações de que a caça este ano é abundante.

FERNANDO SÁ

Assine a Revista «STADIUM»

3 meses Esc. 19\$50

6 meses Esc. 39\$00

12 meses Esc. 78\$00

Pontapés de ensaio...

ALEGRAM-SE as gentes que habitualmente frequentam os campos onde se joga ao futebol! Volta a haver animação e alegria, com o regresso do desporto-rei... Depois do defeso — o entusiasmo das multidões e das grandes lutas. Compreende-se perfeitamente que seja assim, sabido que o futebol tem interesse primordial no campo das actividades desportivas e leva a palma a todas as modalidades.

No domingo pretérito tivemos os primeiros pontapés, pontapés de ensaio e a que sómente puderam assistir — conforme fora determinada superiormente — os sócios dos clubes que entram na liga; mas no próximo (de hoje a quatro dias, simplesmente...) já o público poderá dar largas à sua satisfação — pois começam as provas oficiais em todas as regiões do país. E há-de ser interessante de ver-se a sofriguão, a ansiedade com que o público vai receber os seus ídolos, ídolos que criou e não quer arredados do pedestal.

Nestes pontapés de ensaio não houve, a bem dizer, revelações — nem podia haver, porque os novos ainda não têm os pés afinados! E aqueles jogadores que o público já conhece também não puderam dar, ainda, a medida exacta das suas capacidades de momento — que hão-de vir ao de cima com a continuidade dos jogos.

Aparceram, é certo, alguns estreantes com possibilidades — Szabo, filho do treinador do Sporting, e o setúbalense Albano, no «team» leonino, distinguiram-se particularmente, assim como Climaco (Gimnásio do Sul) e o sacavenense Jaime, na equipa do Benfica — e ainda, poucos, transferidos.

Mas, por enquanto e à parte o portista Nunes (no Estoril Praia) e o académista Eliseu (no Sporting) — dois valores positivos do futebol nacional — a maioria dos transferidos não

NATAÇÃO

O Algés e Dafundo ganhou as provas «Mário Simas» e «Silva Marques»

A pesar de o mau tempo lhe haver tirado uma boa parcela de brilhantismo, o programa do festival de homenagem aos nadadores Mário Simas e João da Silva Marques, que a Federação Portuguesa de Natação organizou, no domingo, pela terceira vez, cumpriu-se na íntegra.

Em infantis, Gentil Gonçalves, triunfando nos 33 metros bruços com 25 s. e Luís Chalupa vencendo os 33 metros costas e os 33 metros livres, respectivamente, em 26 s. e em 20 s. e 1/10, foram as duas figuras mais destacadas. Entre os principiantes, devemos registar a magnífica vitória de Armando Pereira Marques, do Nacional, nos 63 metros bruços, em 57 s. e 1/10, confirmando, assim, as prometedoras qualidades que vem evidenciando desde o início da temporada.

Na prova de costas, o triunfo pertenceu a Manuel Ferreira, com 58 s. E Henrique Santos triunfou em livres com 46 s.

Os juniores disputaram, também, três provas de 100 metros, uma em cada estilo.

Os 100 metros forneceram luta equilibrada, com duelo interessante entre Afílio Palma Rêgo e Luciano Pavão. Triunfou o primeiro, em 1 m. 35 e 2/10 contra 1 m. 36 s. e 4/10 do segundo.

Nos 100 metros costas, Manuel Baptista ganhou à vontade em 1 m. 29 s. 2/10.

Nos 100 metros livres, a vitória pertenceu ao «leão» Fernando de Sousa em 1 m. 11 s. um dos melhores «tempos» do festival.

Os seniores corriam 200 metros, e, tal como nas outras categorias, nos três estilos.

Nos 200 metros bruços a vitória pertenceu ao antigo campeão da modalidade — um dos homenageados de domingo — João da Silva Marques, que venceu nitidamente, no «tempo» de 3 m. e 6 s.

Nos 200 metros costas — coincidência cu-

passa de simples hipóteses nas suas novas colectividades! A ver vamos — com o correr dos tempos...

No capítulo de transferências, as de maior vulto, além das cinco apontadas acima (Albano, Eliseu, Nunes, Climaco e Jaime), foram as seguintes: Coelho (Atl.) e Rodrigues (Lxs), para o Belenenses; Nêo (Bjc.) e Ernesto (Boav.), para o Sp. Fafe; Marques (Acad.) e G. Costa (Bar.), para o Sporting; Gois (Leça), para o Unidos; Barros e Neves (Acad.), para o Atlético; Florêncio (F. C. P.), para a Académica de Coimbra; Pereira (F. C. P.) e Micael (A. Ac.), para o Estoril Praia; Pratas (F. C. P.), para o Atlético; Barrata e Brioso (V. R.), para o Vitória de Guimarães; Sansão (Vian.) Valongo e C. Nunes (F. C. P.), Cerqueira (Salg.) e O. Tellechea (E. P.), para Farnalhão; Zeferino e Verissimo (Spig.), este para o Sp. de Braga e aquele para o Gil Vicente, de Barcelos; N. Franco (Spig.) e C. Rodrigues (Bjc.), para o Spig. Farense.

Nas partidas que se efectuaram, todas elas com características amigáveis, verificaram-se os resultados seguintes, que apenas anotamos por curiosidade:

Sporting-Fósforos, 2-0; Belenenses-Estoril Praia, 1-1; Benfica-Chelas, 10-3; Atlético-Casa Pia A. C., 6-0; F. C. Porto-Infesta, 6-0.

«Boxing» no Parque Mayer

(Conclusão da pág. 4)

nado — mas nada tem de extraordinário. Acontece, por vezes, que o preço do calçado é inferior ao valor real — e daí as surpresas. Para mim é ponto de fé que Sória procurou, a partir de certo momento, ganhar por Knock-out. Não o conseguiu e ficou-se de passagem que o vencedor, se soubesse confiar nos seus meios, sairia do ring derrotado por uma diferença pequena de pontos. Mas está bastante crê, por ora.

Para fechar a sessão, o campeão de Portugal, Agostinho Guedes, pôs K-O ao 3.º assalto o campeão (?) da Catalunha, Ferné.

O vencido deu-me a impressão de um homem destruído e pouco robusto, pelo que a sua qualidade de campeão da Catalunha, onde há boas pugilistas, me deixa surpreendido.

Autevi a sua derrota por K-O ao primeiro «bo forte» — o assim guedes!

O espanhol, guardando-se bem, deu o primeiro assalto, que foi de estudo, um tudo para cumprir o mallo. Ao segundo compreendeu a sorte que o esperava e, quando levado às cordas esquivava uma série de golpes, foi duramente tocado no queixo. Cambaleou ao meio do ring, onde outro sóco estriero e prostrou com aparato. Um segundo depois o gong soava e os ajudantes levaram-no para o seu canto.

Quando o 3.º assalto se iniciou ainda não se achava refugio do «ba» sofrido. Um sóco ao estômago, que não teve forças para sustê-lo, levou-o a desistir, no que andou acabadamente, pois que um golpe duro poderia ser-lhe altamente prejudicial.

Agostinho Guedes tem um bom corpo para o jogo do boxing. Quanto ao seu conhecimento da «gritria» dos punhos, vi pouco para avaliar com segurança. Não me parece nenhum «sá» — mas, como atrás digo, vi-o pouco tempo em acção para ajuizar acerca das suas habilidades.

As arbitragens pecaram, algumas, em influir na acção dos homens e quasi sempre sem a necessária oportunidade.

Eis em resumidos termos o que se passou no ring do Parque Mayer, segundo o meu obtido modo de ver...

RAFAEL BARRADAS

riosa — o triunfo pertence também para um antigo campeão da modalidade, Fernando Leal, em 3 m. 5 s. 8/10.

E nos 200 metros livres, foi ainda um campeão de ontem que triunfou! Rodrigo Besone Basto Júnior, em 2 m. e 42 s.

Em qualquer das estafetas mistas, a vitória pertenceu ao Algés e Dafundo — nítida e indiscutível. Na estafeta de costas foi o único concorrente.

No que diz respeito a tempos — nada de especial a anotar. Vulgares no conjunto, o que aliás se justifica perfeitamente, já pelas más condições atmosféricas, já pela ausência de alguns dos nossos melhores nadadores.

Na prova «João da Silva Marques», o primeiro lugar coube ao Algés, com 22 pontos; o segundo ao Belenenses, com 14 pontos e o terceiro ao Nacional com 13 pontos.

Na prova «Mário Simas» a ordem dos clubes foi a seguinte: 1.º Algés, 54,5 pontos; 2.º Estoril Plage, 26,5; e 3.º Belenenses, 16. Cada uma destas colectividades conquistou uma vitá-



O grupo de honra do Benfica

Stadium



A equipa do Estoril Praia



No Lumiar — A defesa do Chelas em acção contra Peyroteo